

# Cai a tradição, a uva está na coxilha

O Rio Grande do Sul, que historicamente tem toda sua produção de uva e vinho concentrada na região da Serra, começa a descobrir uma nova e promissora área: a fronteira. "O grande futuro da vitivinicultura brasileira está na Campanha gaúcha", diz o agrônomo João Juliani Filho, chefe da Uepa/Embrapa, que coordena toda a pesquisa vitivinícola do País. Corroborando sua opinião, a multinacional norte-americana National Distiller investe desde 77 e faz experiências desde 78 nas videiras da região.

O gerente de vinhedos da National, em Santana do Livramento, Antonio Santin, diz que ainda é cedo para medir resultados, mas acredita que a região tem todas condições para o cultivo de uvas finas para vinho e essa é a meta da National, que já plantou 600 hectares e planeja estender seus vinhedos para dois mil hectares. A partir de 1984, a empresa planeja fornecer assistência técnica aos agricultores da região interessados em produzir para sua cantina.

Usando tecnologia das indústrias que tem na Califórnia, a National instalou em Livramento uma cantina capaz de produzir seis milhões anuais de vinhos finos, o dobro do que o Brasil importou em vinhos finos em 1980. A marca do produto será Almadem e as primeiras partidas já fermentam na cantina. Em 1989, quando os vinhedos estiverem em plena produção, a National estará tirando das terras da fronteira de nove a dez mil toneladas de uvas de fina casta: cabernet branco, riesling italiana, merlot, trebiana e algumas da Califórnia inéditas no Brasil. A empresa investiu até agora 20 milhões de dólares.

Oficialmente, ela escolheu a região porque com sua topografia de coxilhas,

facilitaria a mecanização. Rompendo com uma tradição gaúcha, não cultiva seus vinhedos em parreiras ou latadas horizontais, mas em telas verticais, "para facilitar o trabalho das máquinas na fase de cultivo e conservação".

Mas o fator fundamental é o clima. "Solo a gente faz", diz o agrônomo Juliani Filho, referindo-se às correções de carências vegetais e mineirais feitas pela tecnologia. Os colonos italianos que trouxeram o cultivo da uva para o Rio Grande do Sul foram confinados desde o começo do século à região da serra, onde Juliani Filho diz que é difícil plantar uvas. A quantidade ideal de chuva para os vinhedos é de 900 milímetros cúbicos anuais. Na Serra, chove de 1.500 a 1.600 centímetros, enquanto na Campanha a quantidade é de 1.200 a 1.300. Outro fator positivo para a Campanha é a temperatura: ela tem a média ideal para a uva na época da maturação, de 30 a 32 graus, enquanto que na Serra a média máxima é 27 graus centígrados.

Finalmente, os vinhedos precisam de calor e baixa umidade do ar, como na fronteira gaúcha. Na Serra, a umidade é alta. Diante de tudo isso, Juliani Filho afirma que aquela região é a melhor produtora de uvas do País e está na melhor faixa do continente — nos paralelos 30 e 55 graus de latitude.

Mas a National não é a única a cultivar uvas fora da zona tradicional. Há mais de três anos, a Companhia Vinícola Rio-Grandense implantou vinhedos mais ao norte, no município de Pinheiro Machado (230 hectares) e os resultados também têm sido bons. A Embrapa está fazendo experimentos em Quarai, Bagé, Livramento e Pinheiro Machado, mas muito incipientes ainda.